

**Síntese da fala do Exmo. Arqut. Francisco Sesto, Ministro da Cultura da República Bolivariana da Venezuela, na abertura do 14º Fórum de Ministros da Cultura e Encarregados de Políticas Culturais da América Latina e do Caribe**

Bom dia, amigas e amigos, bem-vindos todos à Venezuela. Queria agradecer a presença aqui dos Excelentíssimos Ministros e Ministras, Vice-ministros, Secretários Gerais, Presidentes de Organismos e autoridades de políticas culturais da América Latina e do Caribe.

Minha saudação especial ao Excelentíssimo senhor Favio Vio, Embaixador da República do Chile na Venezuela; ao Excelentíssimo senhor Walter Rubén Hernández, Embaixador da República da Costa Rica na Venezuela, aos observadores e convidados.

Acompanha-me, à minha direita, Silvia Díaz, Presidente do Conselho Nacional da Cultura da Venezuela, a quem peço que seja a moderadora deste Fórum. Também me acompanham dois vice-ministros do Ministério da Cultura e autoridades nacionais, diretores, amigas e amigos.

Queríamos que o 14º Fórum fosse um pouco diferente às outras reuniões de altas autoridades da cultura; vocês sabem que há três reuniões importantes: a da OEA, que congrega Ministros e Altas Autoridades da Cultura, onde estão presentes os Estados Unidos e o Canadá, mas não está Cuba, portanto, é uma reunião incompleta; a outra, também importante, é a reunião da OEI – Organização dos Estados Ibero-Americanos-, lá não estão os países do Caribe, não estão os Estados Unidos, não está o Canadá, mas estão a Espanha e Portugal; e tem esta. Eu diria que esta é a mais autêntica, a que une de verdade os países da América Latina e do Caribe, sem desmerecer, é claro, as outras, que são dois cenários importantes. Esta, contudo, é a que verdadeiramente configura o cenário do que deveria ser, no futuro, a pátria grande que queremos construir entre todos: a Pátria de Pátrias.

Queríamos, como lhes dizia, que esta reunião fosse um pouco diferente a essas Cúpulas, onde, muitas vezes, a gente vê que tudo está estabelecido de antemão, e as reuniões acabam sendo, às vezes, rotineiras, formais demais, observações a documentos pré-elaborados, divergências em alguns pontos, mas devido ao rápido fluxo dos acontecimentos, quase nunca tem discussão, nem se debate profundamente.

Julgamos que esta é uma boa oportunidade para que os ministros e as altas autoridades da Cultura possam gerar abertamente, em parceria, como trabalho em equipe, algumas idéias úteis para o nosso trabalho.

As mudanças na América Latina não são das que sucedem em um só país. Devemos ter uma visão integral, ver-nos como uma grande família, como irmãos de uma grande pátria, para que, independentemente de nossos pontos de vista, possamos cumprir com o dever de constituir uma grande irmandade, uma grande equipe; independentemente de que falemos inglês ou francês, ou derivações desses idiomas, ou falemos português, ou falemos castelhano, ou

falemos sei lá quantas línguas indígenas. Na Venezuela, há 35 línguas indígenas, as quais, a partir da Constituição Bolivariana, já são consideradas línguas oficiais em suas comunidades. Quantas línguas indígenas haverá na América Latina?

Os nossos povos precisam se integrar. Eles necessitam que criemos uma grande Pátria. Estamos vendo como o mundo se articula em blocos. Os Estados Unidos nasceram como uma nação de estados, por isso se chamam Estados Unidos.

No caso da Europa, suportaram duas guerras, que se chamaram Mundiais, mas que foram, principalmente, duas guerras originadas nas contradições dos países europeus, contradições dos países do capitalismo europeu. E em ambas a Alemanha e a França foram fortes protagonistas antagônicos. Mesmo assim, souberam deixar suas divergências e suas recordações dolorosas para trás, e se constituíram em quase uma nação de vários Estados.

De modo que estão sendo constituídos blocos, mas há forças alheias a nós, alheias a o que é a América Latina e o Caribe, que não desejam favorecer a nossa união; que tratam de não favorecer a integração. Os nossos libertadores estavam muito claros no tema da integração. No caso da Venezuela, Bolívar, e um Precursor de nossa independência, o Generalíssimo Francisco de Miranda, falavam muito na integração de nossos países, mas não puderam levá-la a efeito. Temos, portanto, uma dívida de 200 anos e temos que avançar nessa direção. Eu vejo que os nossos presidentes, os nossos parlamentares, os nossos intelectuais, ao longo dos séculos, sempre falaram de integração, mas era muito difícil sua realização. Fala-se com muita veemência de integração econômica e se percebem avanços. Por exemplo, agora se trabalha pela integração na área energética, fala-se de Petrosul, de Petrocaribe; o MERCOSUL está avançando, e também estão avançando as comunidades, a Comunidade Sul-Americana, a CARICOM, em diferentes formatos de integração.

Falou-se muitas vezes na integração em termos políticos; há um Parlamento Latino-Americano. Falou-se em acordos que têm a ver com alfândegas, vistos, movimento de mercadorias e de pessoas e sempre, ou quase sempre, os discursos de integração acabam em uma frase: "O mais importante, naturalmente, é a integração cultural". Quase sempre, os presidentes, os políticos, os parlamentares, os intelectuais, os artistas, dizem que a integração cultural é indispensável. Mas só chegam até aí, não se avança, talvez, porque fazer a integração cultural não é uma tarefa simples. Há problemas físicos, há grandes montanhas, há mares que nos separam, há selvas. Por exemplo, nós somos um país fronteiro com o Brasil, mas nos separa a selva Amazônica. Verdadeiramente, precisamos de estruturas físicas, como estradas, autopistas e obras de infra-estrutura entre os nossos países, para nos comunicar e nos integrar. No caso do Caribe, para voar a uma ilha, que fica tão perto, precisamos ir, primeiro, a Miami, Estados Unidos, e lá pegar um avião que nos leve a essa ilha, ou seja: uma viagem que demoraria no máximo uma hora, ou hora e meia, acaba se prolongando por seis ou sete horas. É claro que estamos próximos, sim, no coração, no espírito, nas dificuldades e na ilusão.

Por isso temos de encontrar fórmulas para que a integração deixe de ser uma demanda e uma retórica oficial. No meu entender, nós temos de encontrar fórmulas, e esta responsabilidade é inerente a nossos cargos; temos de encontrar fórmulas para que a integração de nossos povos se transforme em realidade.

Os nossos governos podem até achar as fórmulas de integração, agora mesmo, estamos em um fórum que é uma forma de integração, e estivemos e nos vimos em outros fóruns, no passado, mas isso não é relevante. Para mim, o importante é encontrar o verdadeiro caminho da integração dos nossos povos; integrar-se é conhecer-se, travar relações, cultivar o afeto, que já sentimos, mas que poderia ser muitíssimo mais profundo. Mas temos outro problema, o que nos trouxe aqui e diz respeito a todos nós: a diversidade cultural, um tema muito importante, porquanto os nossos enfoques, as nossas particularidades, o modo de nos relacionar em cada uma de nossas sociedades e comunidades estão sendo ameaçados pelas denominadas *industrias do entretenimento*. Essas indústrias são muito fortes, se instalaram em nossos países e ocupam de 80 a 90% das transmissões de nossa televisão, dos filmes que passam em nossos cinemas, das músicas que escutamos.

Não temos editoras comuns, nossas editoras, grandes editoras. Gostaria de mencionar dois países: Argentina e México. Ambos foram encurralados, já não têm a mesma força de antes. A gente se nutria do trabalho editorial argentino, mexicano, uruguaio, colombiano, tudo isso está evaporando; a indústria da música ainda tem alguma força, ainda existe, mas confronta muitas dificuldades, portanto, temos uma grande tarefa pela frente: encontrar fórmulas práticas e modernas de integração, não retóricas.

Se vocês derem uma olhada na agenda, verão que não contém muitos pontos, é como se estivéssemos em uma reunião informal, em uma reunião entre amigos, talvez um pouco desordenada, mas cujo propósito está claro: extravasar tudo que houver dentro de nós. Não tem importância, se as nossas óticas, em dado momento, não combinem, se os nossos governos aplicam métodos diferentes para resolver os graves problemas. Para lá, diria eu, destas pequenas diferenças, nos unem coisas importantes demais, como a memória, a história, a proximidade geográfica, o clamor de nossos povos por justiça, por equidade. Os nossos povos não merecem viver na pobreza em que vivemos. Não, não merecemos.

Gostaria de convocá-los a se despojarem das formalidades de seus cargos. Não devemos trabalhar em função de um documento. Que importância tem um documento? Muitas vezes os documentos são meros formalismos, Exerço meu cargo há dois anos e meio e não lembro quantas Declarações foram assinadas por mim. Nas discussões dos documentos, o pessoal fica reticente, cheio de sutilezas, discute um parágrafo, uma frase, depois tudo isso fica em papel, algum relatório guardado em um canto. A Declaração não tem importância, o importante é aproveitar esta oportunidade. Costuremos um diálogo, uma conversa franca para começar a construir pontes muito mais intensas que um conjunto musical venezuelano viajando a outro país, ou um grupo teatral vindo de outro país, ou a tradução de uma antologia de um país

do Caribe, ou visitas de cortesia, nada disso é suficiente. Nós os funcionários temos de encontrar o caminho, construir um tecido. Devemos munir os nossos povos da verdade para que essa grande Pátria possa ser construída.

Queria terminar agradecendo de novo sua presença aqui, tomara que esta Cúpula, esta pequena Cúpula de Ministros e de Altas Autoridades não seja uma reunião a mais; tomara que comecemos a encontrar o verdadeiro e o profundo sentido das reuniões, até porque existe certo ceticismo quanto à utilidade destes encontros.

Muito obrigado